

WEDNESDAY

A Adaptação da Primeira Temporada



A PARTIR DA SECRETÁRIA DE WEDNESDAY ADDAMS

Podem perguntar a qualquer criança problemática como se sente sobre ser atirada para a sua oitava escola em cinco anos, que é provável que obtenham sempre a mesma resposta.

Não sou exceção, embora goste de pensar que as minhas expulsões (tal como o meu gosto por castigos) tende a ser um pouco mais criativo do que as de um típico *bully*. Nem sequer consigo descrever quão pouco eu queria ser arrastada para a Academia Nevermore (a antiga escola dos meus pais) no fatídico dia de outono em que o carro fúnebre da nossa família nos levou até lá. Aos meus olhos, qualquer instituição que pudesse produzir a superioridade presunçosa da minha mãe, ou a obsessão nauseante que os meus pais têm um pelo outro, era um lugar a ser evitado a todo o custo.

Contudo, como qualquer génio da investigação vos dirá, é importante que sejamos capazes de admitir quando estamos errados. E eu estava. Sobre a Academia Nevermore. Sobre quase tudo que aconteceu lá nesse ano. Mas, em minha defesa, quem poderia ter adivinhado que numa escola conhecida por albergar os típicos párias e esquisitoides se desenrolaria um mistério monstruoso tão complexo, tão retorcido, que até *eu* fui surpreendida pelo seu desfecho?

Se pudesse voltar atrás no tempo e contar alguma coisa à versão mais jovem e mais inocente de mim mesma... bem, provavelmente não o faria. No fim de contas, o terror puro e inesperado é uma das poucas verdadeiras diversões da vida, e sei que ficaria furiosa comigo por lhe arruinar a surpresa.

Em vez disso, deixem-me levar-vos ao início de uma história na qual eu, Wednesday Addams, encontro um propósito e um lar no último lugar onde esperava encontrar qualquer um deles. Não se preocupem, não é uma história animadora. Se há algo que devem saber sobre mim antes de começarem a ler, é que detesto uma história que não tenha pelo menos cinco homicídios terríveis.



Meses antes...

Os meus pais beijam-se apaixonadamente no lugar à minha frente. Ainda bem que andamos num carro fúnebre, porque estou a segundos de soltar o meu último sopro de vida. Causa de morte: pura repulsa.

Estou certa de que um caixão a sete palmos de terra seria um destino preferível ao que me espera neste momento. *Academia Nevermore*. A escola onde, em criança, jurei nunca pôr os pés. Qualquer coisa que deixe o meu pai de lágrimas nos olhos é algo que simplesmente rejeito, incluindo a minha mãe, que vira a cabeça para apanhar ar e lança o seu olhar imperioso sobre mim.

— Querida, por quanto tempo tencionas ignorar-nos? — pergunta ela.

Não desvio o olhar da janela.

— Lurch — digo, num tom constante, dirigindo-me ao mordomo monstruoso da família no lugar do condutor. — Por favor, relembra os meus pais de que não falo com eles.

O Lurch geme, como de costume. Neste momento, prefiro-o à conversa que os meus pais têm tentado ter comigo desde que saímos de casa esta manhã. Sei que o meu pai percebe o aviso no seu tom, mas ignora-o.

— Prometo-te, minha pequena víbora, que vais adorar Nevermore. Não vai, Tish?

— Claro — assegura a minha mãe. — É a escola perfeita para ela.

Estas palavras esgotam os meus nervos ainda mais. Abomino um clichê, mas suponho que certas experiências da adolescência sejam universais, e não há nada que eu deteste mais do que ouvir a minha mãe dizer-me quem sou e o que é bom para mim.

— Porquê? — solto, interrompendo o meu silêncio contra a minha própria vontade. — Porque era a escola perfeita para *ti*?

Ela nem se digna a responder, dando apenas um pequeno sorriso daquela sua maneira característica, sugerindo de forma não verbal que tudo o que pensa é objetivamente correto. Provocando-me com aquele silêncio conhecedor.

E caio na provocação. O que apenas me deixa mais furiosa comigo e com ela.

— Não tenho interesse em seguir as tuas pegadas — declaro. — Tornar-me capitã da equipa de esgrima, rainha do Baile das Trevas, presidente da Sociedade de Espiritismo. — Tento enunciar estes feitos com todo o meu desdém, mas é claro que ela parece ainda mais presunçosa.

— Quis apenas dizer que vais *finalmente* estar entre colegas que te compreendem — diz ela. — Talvez até faças alguns amigos.

Não digno a isto uma resposta. Amizades, segundo a minha experiência, requerem aderir a uma série de identificadores nos quais nunca tive interesse. Os psicólogos dizem que as amizades na adolescência só funcionam se pertenceres a um grupo. E eu nunca fiz parte de um grupo. Não tenciono começar por um que teria os meus pais como membros.

Além disso, não acredito que a minha mãe alguma vez tenha tido um amigo. Teve seguidores. Bajuladores. Ela tem tentado que me junte ao grupo deles desde que nasci.

— Nevermore não é como os outros colégios — afirma o meu pai, com os olhos perdidos nela, provando por completo a minha opinião. — É um lugar mágico. Foi onde conheci a tua mãe e nos apaixonámos.

Seria de pensar que eu já me habituara ao seu olhar devaneador, à forma como segura a mão dela com a sua e aos seus profundos suspiros, como se o carro se alimentasse das suas emissões de dióxido de carbono e não de combustíveis fósseis que estão a queimar o planeta e toda a gente nele a um ritmo alarmante.

Sei que não vale a pena tentar interrompê-los. Até as minhas farpas mais cuidadosamente afiadas falharam sempre nesse esforço. Em vez disso, viro-me novamente para a janela, refugiando-me na última memória que me trouxe paz.

Quase consigo sentir o chão barato de linóleo da Escola Secundária Nancy Reagan sob os meus sapatos. Ver o cacifo semiaberto contendo por pouco o meu irmão, que tomba no chão, de rosto corado e humilhado, com uma maçã enfiada na boca. Toco-lhe no braço e acontece. Uma visão. Um clarão do passado ou futuro que se apodera dos meus circuitos. É difícil descrever o que sinto... faz lembrar a terapia de eletrochoques, sem o ardor agradável.

Estas visões têm-me atormentado nos últimos meses. Pelo menos esta mostrou-me algo sobre o qual posso agir: a identidade dos atormentadores do meu irmão. Com isso, a vingança não era difícil de obter.

Demorei alguns dias a arranjar as piranhas. O tipo que conheço na loja de animais exóticos não se mostrou muito cooperante, até eu desenterrar algumas fotografias dele e da sua atual amante. Isso reduziu consideravelmente a sua curiosidade sobre o propósito que eu lhes reservava.

A memória de estar na borda da piscina durante o treino de polo aquático ajuda-me a suportar a viagem até Nevermore. O divertimento que se transformou em pânico nos olhos dos culpados. Os corpos lustrosos e prateados dos peixes a abrirem caminho entre a água demasiado clorada. A forma como simplesmente *souberam* ir diretamente a uma certa zona sensível.

Nunca esquecerei o sangue vermelho e vívido a contrastar com o azul da água, nem os gritos que encheram o centro de treino de desportos aquáticos. Eu não poderia ter preparado melhor o cenário... a acústica era incrível.

Infelizmente, eles sobreviveram. O meu único consolo é que os pais deles não apresentaram queixa por tentativa de homicídio. Imagina uma vida inteira com pessoas a verem o teu registo e a saberem que não conseguiste terminar o trabalho.



CAPÍTULO DOIS

O gabinete da diretora de Nevermore revela exatamente o tipo de arrogância académica que odeio. Livros e mobília encouraçados, mogno e bronze polidos. O tipo de sala que faz com que as pessoas estúpidas se sintam inteligentes e com que as pessoas inteligentes queiram vomitar.

Sento-me numa das cadeiras de couro, entre os meus pais, enquanto a diretora analisa o meu registo com uma expressão angustiada no rosto. Sei que ali se encontra o meu historial. Provavelmente alguns avisos de antigos professores e orientadores. Nada fora do comum, a menos que não estejam habituados a fazer justiça com as próprias mãos.

— Wednesday é deveras um nome singular — comenta ela por fim, agarrando-se àquele que é, potencialmente, o único detalhe inofensivo

entre todas aquelas páginas. — Suponho que tenha sido o dia em que nasceste.

— Nasci numa sexta-feira 13 — corrijo-a, mantendo o nível do meu olhar fixo, para lhe mostrar que isto significa exatamente o que ela teme.

— O nome dela — interrompe a minha mãe, apaziguadora — vem de um verso do meu poema preferido: *Nascida num dia triste.*

A única vez em que ela realmente me compreendeu, penso.

— Aí está a perspetiva única da Morticia — diz a diretora. — A tua mãe contou-te que fomos colegas de quarto enquanto estivemos em Nevermore?

De repente, Larissa Weems é-me mais do que uma cabeça falante quase indistinta. Tento imaginá-la em jovem. Já seria tão formal e presumida? Não pode ter sido popular se agora está a trabalhar aqui. Os adolescentes pertencentes a grupos quase nunca regressam à cena do crime.

Então está a reviver algo, deduzo. E não parece ser uma bajuladora da minha mãe, o que significa que era pelo menos parcialmente imune ao lendário charme de Morticia Addams, até naquela altura, quando era mais concentrado. Talvez, afinal, haja algo que eu possa aprender desta mulher. Não que eu lhe desse a satisfação de lhe contar isso.

— Impressionante — comento no meu tom mais neutro.

— O quê? — pergunta ela, educadamente.

— Que se tenha formado com a sanidade intacta.

Será imaginação minha, ou ela lança-me outro olhar? Se assim for, tem o bom senso de parar antes de a minha mãe reparar.

— É certo que tiveste um percurso educacional *interessante* — realça ela, regressando ao registo. — Oito escolas em cinco anos, cada permanência terminada por um... incidente digno de nota.

— Acredito vivamente em fazer justiça com as próprias mãos.

Ela segue em frente, ignorando a minha intervenção.

— Nevermore não costuma aceitar alunos a meio de um período, mas claramente és uma rapariga inteligente, e a tua família tem uma longa história com a escola. O conselho compreende que alunos que prosperam aqui são muitas vezes... subestimados noutros contextos educativos. Abrimos uma exceção com a esperança de que isso se verifique contigo também.

— Nunca foi construída uma escola que se adeque a mim — realço. — Nem uma que me contenha. Imagino que esta não seja diferente.

— O que a nossa filha está a tentar dizer — intervém o meu pai, lançando-me um olhar penetrante — é que aprecia imensamente a oportunidade.

— Sim — concorda a minha mãe. — E ela irá prová-lo ao ser uma aluna exemplar, e também ao participar em todas as sessões de terapia ordenadas pelo tribunal.

— Ah, isso leva-nos à próxima questão — diz a diretora Weems animadamente. — Muitos dos nossos alunos requerem apoio psicológico adicional. Temos uma relação com uma profissional excelente em Jericho que pode atender a Wednesday duas vezes por semana.

O meu estômago aperta-se com a ideia de *terapia*. Evitei a exigência durante as minhas últimas sete expulsões, mas desta vez era o acompanhamento psicológico ou a prisão juvenil. Foi uma pena terem deixado os meus pais tomar a decisão. Sempre gostei de riscas.

— Vamos ver se a vossa terapeuta sobrevive à primeira sessão — aviso.

A diretora Weems permanece imperturbável. Estou a ver que vai ser preciso mais do que frases ameaçadoras para a desencorajar. Vou ter de me esforçar mais, mas aprecio um desafio. Não me posso esquecer de descobrir o seu pior medo e explorá-lo antes de conseguir escapar daqui. Assumindo que tenho tempo para tal.

A diretora levanta-se. É alta. Muito mais alta do que eu esperava. Ela e a minha mãe parecem gigantes, e amaldiçoo os genes do meu pai pelo meu tamanho reduzido.

— Atribuí-te o quarto que eu e a tua mãe costumávamos partilhar — anuncia ela, com aquele seu tom forçadamente animado, que soa ainda mais condescendente vindo da sua vantagem de 30 centímetros. — Ophelia Hall.

A minha mãe suspira de agrado, juntando as mãos. Nem sequer preciso de lá pôr os pés para saber que odeio Ophelia Hall.

Mais tarde, ao pararmos perante o que assumo ser o meu quarto, pergunto à minha mãe:

— Não é a Ophelia que se mata depois de ser levada à loucura pela família?

A diretora Weems intervém antes de a minha mãe conseguir responder. Não que ela se tivesse dado ao trabalho de o fazer.

— OK! — exclama ela com um sorriso amplo. — Vamos conhecer a tua colega de quarto!

Colega de quarto.

Estas palavras gelam-me o sangue. Ninguém mencionou uma colega de quarto. Imaginara-me num quarto sombrio com janelas arqueadas e corvos a rondá-lo. A tocar o meu violoncelo. A escrever o meu próximo grande romance. A planear a minha fuga inevitável.

Não imaginara fazer tudo isso com uma audiência.

— Vamos lá! — diz a diretora Weems, batendo duas vezes antes de abrir a porta.

O meu primeiro pensamento ao entrar no quarto é que teria preferido que houvesse uma vítima numa poça de sangue. Uma infestação de centopeias. Uma nuvem de gás tóxico que causa dor excruciante antes de acabar por se apoderar do sistema nervoso e causar uma completa falência dos órgãos.

Tudo menos a explosão de luz e cor que ataca os meus olhos quando entro na minha nova residência.

A minha suposta colega de quarto forrou a nossa janela redonda do chão ao teto literalmente com um arco-íris, que brilha com a luz do dia nublado lá fora. O quarto parece saído do tipo de revistas que

deixam as mulheres a sentirem-se mal sobre os seus corpos, para lhes venderem giletes cor-de-rosa, sabonetes com aromas enjoativos e desodorizante. A cama dela está coberta por uma grande variedade de peluches.

— Oh, céus — murmura o meu pai atrás de mim. — É tão *colorido*.

Estou prestes a enumerar pela décima vez as formas exatas como me traíram ao mandarem-me para aqui, quando uma figura humanoide saltita até mim, com caracóis loiros a voar, e um sorriso a revelar todos os seus dentes (e não da forma predatória que prefiro para ver dentes incisivos).

— Olá, colega! — exclama ela, num tom que me assegura de que nunca seremos amigas. Para o caso de eu precisar de ainda mais provas, ela dá um passo à frente numa tentativa de me abraçar. Uma desconhecida. Dou um passo atrás, antes de me conseguir impedir.

— Wednesday, esta é a Enid Sinclair — apresenta a diretora Weems.

— E *tu* não és fã de abraços — comenta a Enid em questão. — Percebido!

— Por favor, perdoem a Wednesday — pede a minha mãe com um ligeiro sorriso. Este revela que ela despreza a Enid e o seu arco-íris tanto quanto eu. — Ela é alérgica à cor.

Agora estou presa numa terrível batalha interna, onde ambos os resultados parecem uma derrota. Ou me forço a gostar da Enid Sinclair, ou partilho uma opinião com a minha mãe.

— Oh, uau, alérgica à cor — reflete a Enid, olhando-me com genuína preocupação. — O que é que te acontece?

Devolvo o olhar sem pestanejar.

— Fico com urticária e a carne cai dos meus ossos.

— Bem! — interrompe a diretora Weems, com aquele sorriso diplomático. — Felizmente, encomendámos um uniforme especial sem cor. Enid, porque não levas a Wednesday à secretaria para o levantar, juntamente com o horário dela. Depois podes fazer-lhe uma visita guiada enquanto eu e os pais dela preenchemos alguns documentos.

Pela forma como fala, é como se preencher papelada com a minha mãe fosse o ponto alto do seu dia. Rodeada por adultos, parece que só um ritual de sacrifício me safaria disto. E num lugar como a Academia Nevermore, até isso poderia ser demasiado banal para funcionar.

— Mostra o caminho — digo, mas não sem antes me virar para os meus pais e lhes lançar um olhar penetrante.

A Enid fica demasiado feliz por fazer a vontade. Insiste em fazer-me uma visita guiada, apesar de eu tentar ao máximo convencê-la de que é desnecessário. Não preciso de saber que a escola foi fundada em 1791. Planeio demorar 1791 minutos ou menos a fugir deste espaço e da sua estética muito obviamente baseada em Edgar Allan Poe.

— Porque queres ir embora? — questiona a Enid quando lhe conto. — Este lugar é ótimo! Muito melhor do que a escola normal.

— Isto foi ideia dos meus pais — explico, reparando numa fotografia da minha mãe com a equipa de esgrima na parede do *hall* de entrada. Ela tem o seu uniforme vestido. O cabelo solto. Um sorriso atrevido nos lábios vermelhos. — Têm andado à procura de qualquer desculpa para me mandarem para aqui. Faz tudo parte do seu plano extremamente óbvio.

— Qual é o plano? — pergunta a Enid.

— Tornarem-me numa versão deles mesmos — respondo com um suspiro. É o pior destino que posso imaginar. Exceto, talvez, viver no quarto arco-íris para o resto da vida.

— OK, já que estamos a partilhar... — começa a Enid. — Talvez possas esclarecer algo.

— Duvido.

Ela prossegue, sem se deixar intimidar:

— Bem, há rumores de que mataste um miúdo na tua última escola, e que os teus pais puxaram os cordelinhos para te meterem aqui, apesar de seres, tipo, um perigo para ti mesma e para os outros.

— Completamente errado — declaro, num tom aborrecido.

A Enid fica visivelmente aliviada.

— Foram dois miúdos. Mas quem está a contar?

Por um momento, ela parece dividida entre terror e divertimento. Por fim, solta uma risada, um som fraco que mostra que ainda não se decidiu.

Felizmente para ela, chegámos ao que parece ser o foco social da Academia Nevermore, e, ao ver tantos sacos agitados de hormonas, o meu espírito fica entorpecido tempo suficiente para ela atacar.

— OK, podes ver a disposição da escola no teu mapa, por isso deixa-me dar-te a visita guiada que realmente importa. Um quem é quem da cena social de Nevermore.

Ela parece genuinamente entusiasmada por transmitir esta informação e, assoberbada como estou pela multidão, não consigo dar-lhe a satisfação de a receber.

— Não estou interessada em participar em clichês tribais de adolescentes — acabo por conseguir dizer.

— Ótimo! — responde a Enid, com o que acredito ser uma pitada de sarcasmo genuíno. — Podes usar este conhecimento para preencheres o teu poço obviamente interminável de desdém!

Touché, penso, e faço-lhe sinal para que continue. Parece-me melhor despachar isto.

— Então, os quatro grupos principais em Nevermore são os seguintes: Fangs, Furs, Stoners e Scales.

O meu cérebro ávido por padrões já os mapeou a todos antes de ela começar a apontar, apesar das alcunhas pedantescas. Os Fangs, ou vampiros, sentam-se à mesa afastada da luz direta do sol, olhando taciturnamente para os telemóveis. Será que uma vida imortal de secundário é suficiente para levar alguém à loucura? Vou ter de descobrir mal haja uma oportunidade.

— Alguns deles estão aqui literalmente há décadas — informa-me a Enid, antes de apontar para um grupo de pessoas que parecem tão obcecadas com néon como ela. — Aqueles são os Furs, também

conhecidos como lobisomens. Obviamente, são a minha malta. — Ela uiva para eles, e depois mostra-me as suas garras retráteis.

— Tenho a certeza de que as luas cheias são uma animação por aqui.

— Já te arranjei auscultadores com cancelamento de ruído — diz ela, com um sorriso. — Espero que gostes de rosa!

— Deixa estar. Assumo que Scales é a tua alcunha para as sirenas?

— Yap — confirma a Enid, apontando para um grupo de pessoas etereamente lindas, reunidas junto a uma fonte. — Aquela miúda ali no meio, a Bianca Barclay, é basicamente realeza de Nevermore. Ninguém se atravessa no seu caminho. Mas a coroa dela tem escorregado ultimamente. — A Enid inclina-se sobre mim, baixando a voz. — Há rumores de que está vulnerável depois de ela e o Xavier Thorpe terem acabado misteriosamente no início do semestre.

— Enid! — exclama uma voz vinda de trás de nós e, ao virar-me, vejo um rapaz alto com um gorro enorme a aproximar-se. O gorro parece ocultar algo volumoso na sua cabeça.

Não me escondo propriamente atrás da Enid, mas fico obscurecida do ponto de vista do rapaz e não faço nada para o remediar. Nunca devo recusar o dom da invisibilidade quando este se apresenta de tal maneira.

— Ajax — solta a Enid naquele tom atiradiço que as pessoas usam por vezes. Arrastando a última vogal. Tento observá-lo sem me revelar, procurando uma resposta para o porquê de ela o achar digno de uma inflexão vocal.

A minha primeira análise não me revela nada. Ele parece banal de todas as maneiras. E quando se considera a atratividade acima da média da Enid (calculada pela simetria facial; suavidade e tom da pele; rácio entre pele visível e roupa; e mestria do uso de produtos de beleza), parecem formar um par improvável.

— Não vais acreditar no que ouvi sobre a tua colega de quarto — diz o Ajax, sem dar pela minha presença. — Dizem que ela *come*

carne humana. Que deu uma dentada naquele miúdo que matou. Tens de ter cuidado.

Suspiro discretamente, com noção de que agora a honra me obriga a abandonar o meu conveniente estatuto enquanto observadora.

— Muito pelo contrário — declaro quando a Enid se desvia para revelar a minha presença. — Na verdade, fatio os corpos das minhas vítimas, e dou-as aos meus variados animais de estimação. — Mantenho o contacto visual com o rapaz abaixo da média até ele o quebrar. Uma vitória.

— Ajax — diz a Enid com uma espécie de risada reprimida. — Esta é a minha nova colega de quarto, a Wednesday.

— Uau — exclama ele. — És a preto e branco.

Risco *intelecto elevado* da minha lista mental de potenciais razões para a Enid o apreciar, deixando-me com exatamente zero opções restantes.

— Ignora-o — comenta ela, virando-se com um aceno da sua mão. — Ele é giro, mas burro. As górgonas passam demasiado tempo a ficar pedradas.

Consigo apreciar a piada. A Enid parece agradada.

— Os rumores vão acalmar assim que te pusermos nas redes sociais — diz ela. — Não há muita informação *online* sobre ti, pelo que as pessoas se sentem confortáveis a inventar. Diz-me que pelo menos tens Instagram.

— Considero as redes sociais um vazio sem significado capaz de nos sugar a alma — respondo.

A Enid acena com a cabeça, sem saber o que dizer. Regresso ao nosso quarto em silêncio, sozinha.

Os meus pais e o Pugsley vão embora antes do jantar, o que considero ser a única coisa positiva num dia miserável. Estou com eles na entrada circular da escola, não escondendo de todo a minha impaciência para que desapareçam.

— Rapazes, podem esperar no carro? — pede a minha mãe ao resto da família depois de me ter despedido deles. — Eu e a Wednesday precisamos de um momento.

Simplemente para acelerar a sua partida, contenho a minha asserção de que nunca tivemos (e muito provavelmente nunca teremos) qualquer interação que possa ser descrita como um *momento*.

Quando eles se afastam, ela encara-me com uma expressão decididamente não sentimental.

— Quero que saibas que pedi a todos os nossos familiares que me alertassem mal a tua sombra aparecesse à sua porta. Não tens para onde fugir. Tenta aproveitar isto ao máximo.

Uma pontada de escárnio surge no meu íntimo. Como se *um familiar* fosse a minha primeira paragem.

— Como de costume, subestimas-me, mãe.

Ela ignora o comentário, tirando algo da carteira que o meu pai normalmente lhe carrega.

— Trouxe-te uma pequena prenda.

O colar que ela revela está encrustado de pedras negras. Um *W* (ou *M*, dependendo de como estiver virado) está pendurado no centro do pingente. É hediondo.

— É feito de obsidiana — explica ela. — Os sacerdotes astecas usavam esta pedra para invocar visões. É um símbolo da nossa ligação.

Ao ouvir a palavra *visões*, sinto-me a encolher por dentro. Recuso-me a reconhecer esta emoção como medo, mas fico ainda mais determinada em não lha revelar. O que quer que seja.

— Não sou como tu, mãe — digo. — Nunca me vou apaixonar, nem ser dona de casa, nem ter uma família.

Ela suspira, como se fosse possível magoá-la.

— Disseram-me que raparigas da tua idade dizem coisas mal-dosas. Que não as devo deixar ferir o meu coração.

— Felizmente, não tens um coração.

Com isto, a minha mãe sorri.

— Obrigada, minha querida.

Depois entrega-me uma bola de cristal volumosa num saco, prometendo contactar-me no fim da semana (apesar dos meus protestos), e todos vão embora. Fico ali, contra o vento, o alívio a invadir-me. Nevermore não é o lugar para mim, tenho a certeza disso. Mas, pelo menos, sem eles a pairar sobre mim, não me sentirei forçada a encaixar apertadamente no que eles esperam de mim.

Criança imatura. Futura vidente. Filha rebelde. *Addams*. Planeio transcender cada um desses rótulos, e em breve.

Perdida nas minhas fantasias, não dou conta de que ao fundo da rua já se desenrola um mistério. Um no qual estou destinada a envolver-me. Não descobrirei os pormenores até muito mais tarde. Só então verei as fotografias dos membros de um caminhante espalhados por entre as árvores no dia da minha chegada e saberei a causa da sua morte.

Só mais tarde saberei da crença enraizada do xerife de que este assassinato (apenas um entre uma série de mortes) está ligado à Academia Nevermore, e do motivo para o seu preconceito.

Na manhã seguinte, o jornal vai contar a história extremamente suavizada de um ataque de urso. A descrição macabra irá inspirar-me para uma cena no meu romance. Mas a verdade, como acontece muitas vezes, revelar-se-á muito mais estranha do que a ficção.



CAPÍTULO TRÊS

Eu e a Enid já estamos a discutir quando a Sra. Thornhill, a nossa «mãe do dormitório», bate à porta nessa noite.

A minha colega de quarto está chateada por eu ter tirado o arco-íris da minha metade da janela. Eu estou irritada pela sua intrusão na minha hora de escrita. As garras da Enid estão de fora, e estou a considerar qual das minhas armas medievais de tortura decorativas será a mais funcional num cenário de verdadeiro combate.

— Meninas? — chama a Sra. Thornhill ao abrir a porta, analisando o confronto. — É uma má altura?

A Enid retrai as garras, lançando-me um olhar penetrante.

— Sou a Sra. Thornhill. Lamento não ter estado cá quando chegaste. Estava lá fora a tratar da situação... da folhagem — explica ela, apontando para a lama que cobre as suas botas vermelho-vivo.

— Fascinante — solto, friamente.

— Quero crer que a Enid te deu as boas-vindas de Nevermore!

— Ela tem-me *sufocado* com hospitalidade — digo, sem quebrar o contacto visual com a minha colega de quarto corada. — Espero devolver-lhe o favor. No seu sono.

A Sra. Thornhill solta uma risada, como se eu estivesse a gozar. Dá um passo em frente com uma planta num vaso. Tenho de admitir que é magnífica. Folhas verde-escuras e uma grande flor com o tom perfeito de sangue acabado de jorrar.

— Trouxe-te isto como presente de boas-vindas. É da minha estufa. Tento arranjar a flor certa para cada uma das minhas meninas.

— A dália negra — digo, surpreendida. Quase impressionada.

— Conheces? — pergunta ela, sorrindo com uma quantidade embaraçosa de avidez.

— Sim — respondo. — Tem o nome do meu homicídio por resolver preferido. Obrigada.

Era um elogio, mas ela hesita, pousando-a na secretária junto à minha máquina de escrever, e depois dirigindo-se à porta.

— Bem, antes de ir embora, tenho de te informar das regras da casa. As luzes apagam-se às dez, nada de música alta, nem rapazes. Nunca.

Mal consigo conter o meu escárnio por tal ideia.

— Falta apenas dizer que Jericho fica a vinte e cinco minutos a pé da escola. Há transporte para lá aos fins de semana se quiseres fazer compras, ou passar tempo, ou o que seja que os miúdos fixes fazem hoje em dia. — A Sra. Thornhill ri-se. Eu não. — Mas os habitantes de lá são um pouco desconfiados de Nevermore, por isso nada de garras, sufocamento durante o sono, ou qualquer outra coisa que confirme os estereótipos sobre o comportamento dos Párias enquanto lá estiveres. Estamos entendidas?

Viro-me de novo para a minha máquina de escrever. A Enid volta a mostrar as garras e começa a afiá-las com a sua lima roxa.

— Ótima conversa — exclama a Sra. Thornhill, claramente um paradigma da autoridade.



Quando chego ao Salão de Esgrima para a minha primeira aula, sou forçada a admitir que as instalações são adequadas. E mais do que isso, alguns dos meus colegas temporários não parecem ser uma total desgraça nesta arte.

As mesmas qualidades que fazem de uma pessoa um bom investigador amador também fazem de alguém um bom esgrimista. Tem de se estar sempre preparado, prestar atenção aos detalhes e descobrir rapidamente a fraqueza do adversário. Se o desporto não me mantivesse em forma para os meus verdadeiros objetivos, não me teria dado ao trabalho de vir aqui.

Todos vestem branco, claro, pelo que o meu equipamento completamente preto se destaca. As pessoas param os seus assaltos para me observarem com curiosidade. Quem me dera ter posto a minha máscara. Em vez disso, faço do meu rosto a minha máscara, recusando-me a deixá-los ver que me sinto em casa aqui. Que gosto da sensação da lâmina ao meu alcance.

Os assaltos prosseguem, como se os outros alunos não tivessem reparado na minha chegada. Reconheço a Bianca Barclay de imediato. A sua pele castanho-escuro brilha, mesmo pela rede da sua máscara. O seu adversário não me é familiar. Baixo. Quinze anos, diria eu.

Ele é terrível nisto. Os seus passos são frenéticos, desesperados. Move os braços demasiado. A economia de movimentos é essencial num bom esgrimista, e a deste rapaz é pior do que a de uma criança ainda a aprender a andar.

A Bianca, por outro lado...

O rapaz cai no chão.

— Treinador! Ela fez-me tropeçar! — brada ele, levantando a máscara para revelar o seu rosto rosado a brilhar com o suor.

Não sou muito dada ao sentimentalismo, mas neste momento ele faz-me lembrar um pouco o meu irmão, o Pugsley, empurrado para dentro de um cacifo e a tentar não chorar.

— Foi um golpe limpo, Rowan — declara o treinador.

— Talvez se lamuriasses menos e treinasses mais, não fosses tão mau — diz a Bianca, alto o suficiente para todos ouvirem. — *Mais alguém* quer desafiar-me?

Ela faz a pergunta como se tivesse a certeza de que ninguém seria estúpido o suficiente para aceitar. Caso fossem, lamentá-lo-iam. Não tenho desejo algum de perturbar (ou sequer de integrar) uma hierarquia social, mas tenho um problema com pessoas que rebaixam outras, e não trouxe esta espada até aqui para parecer ameaçadora. Mais vale fazer algum exercício.

— Eu quero — anuncio, dando um passo em frente. Alguém até ofegou com o espanto.

— Então — começa a Bianca, rodeando-me, avaliando-me à procura de fraquezas. — Deves ser a nova psicopata que admitiram.

— E tu deves ser a abelha-mestra autoproclamada — retruco, igualando-a. — Algo curioso sobre as abelhas: basta tirar-lhes o ferrão para caírem mortas.

Desta vez o espanto é audível por todo o salão. A expressão da Bianca mostra que está surpreendida pela minha retaliação, o que me indica que as pessoas costumam baixar-se para a deixarem pisá-las. Essa é uma das suas fraquezas, já consegui perceber. Está habituada a não ter adversários dignos.

Outra das suas fraquezas é o quanto se importa com a sua plateia. Agora, vira-se para eles.

— O Rowan não precisa que o venhas defender — diz ela, falando para mim, mas dirigindo-se a eles. — Ele não é indefeso. É preguiçoso.

Desembainho a minha espada. O som que faz contra o ar é agradável.

— Vamos fazer isto ou não?

— *En garde* — exclama a Bianca. Contudo, ainda está a prestar demasiada atenção ao que todos pensam. Isso deixa-a desprotegida.

Algo que nunca contarei à minha mãe é que, por vezes, adoro este desporto. Para alguém como eu, sair da própria cabeça nem sempre é possível. Mas num assalto posso transformar a minha energia mental em força física. Não me posso render. É tudo sobre tática. Controlo. Como dançar junto a um precipício mortal.

De qualquer maneira, sempre preferi um oponente a um parceiro.

Alguns segundos após o início do assalto, consigo o meu primeiro toque enquanto a Bianca considera os seus ângulos. Abruptamente, ela está furiosa.

— Ponto para a Wednesday — declara o treinador, soando quase ofensivamente surpreendido.

Soube que a Bianca era boa mal a vi no assalto com o Rowan. Neste momento, sei que é perigosa. Todo o seu corpo parece apontar para mim, como se estivesse a levar isto a sério pela primeira vez. Ela *sabe* a sua fraqueza, percebo. Só não está habituada a ter de lidar com ela.

Quando ela entra em modo ofensivo, mal consigo acompanhá-la. A sensação fluida da ligação entre a minha mente e o meu corpo desapareceu. Estou meio passo atrás.

A espada da Bianca faz contacto. Mal ouço o treinador a anunciar que a pontuação está empatada. Estou em sarilhos. A Bianca é claramente a atleta superior, mas talvez ainda a consiga superar com psicologia.

— Para o ponto final — digo por trás da minha máscara — gostaria de invocar um desafio militar. Sem máscaras. Sem pontas.

O espanto espalha-se pela terceira vez. Desta vez, até o treinador é apanhado de surpresa.

— Vence quem desfêrir o primeiro corte.

Retiro a minha máscara. Com o seu rosto de rainha visível, penso que ela estará demasiado consciente das aparências. O anonimato do fato terá desaparecido. Talvez assim cometa um erro.

— A decisão é tua, Bianca — esclarece o treinador. Consigo ouvir a avidez no seu tom por algo diferente do habitual zumbido de adolescentes competitivos.

A Bianca retira a sua máscara e começa o assalto com uma estocada confiante. Sei com o seu primeiro passo que o meu truque não funcionou. Está mais feroz do que alguma vez esteve. Mais rápida. A sirena move-se como a água da qual obtém a sua força. Está em todo o lado e em lado nenhum.

Sei que não a vencerei sem correr um risco. Por isso, deixo-me exposta, tendo esperança de que resulte.

Contudo, ela desvia-se e aproveita-se astutamente do artil. Sinto o corte ao longo da testa, significando que acabou.

— Um conselho — avisa a Bianca, no seu tom malicioso, enquanto saboreia a minha humilhação. — Fica na tua zona, que é o mais longe possível de mim.

Encaro-a fixamente. Não há dúvida de que a Bianca é uma adversária à altura. E questiono-me se subestimei a rainha de Nevermore em algo mais do que o seu talento com a espada.

A enfermaria está vazia, à exceção de mim e do Rowan. O treinador insistiu que fossemos examinados, apesar de eu ter tentado explicar que já suportara ferimentos muito piores sem afeto maternal forçado e um penso rápido.

— És a Wednesday, certo? — pergunta o Rowan quando a enfermeira se afasta, deixando-me com um penso sintético embaraçosamente grande ao longo da testa. Ter a minha derrota transmitida a qualquer pessoa que olhe para o meu rosto é uma forma ignóbil de tortura. Devo recordá-la quando precisar de causar humilhação a um inimigo.

— Rowan? — questiono, e o rapaz acena. Aquele queixo trémulo. A constituição fraca e frágil como um pássaro. Ele é completamente, quase obscenamente, indefeso.

— Sei como te sentes — afirma ele.

— Garanto-te que não sabes.

— A minha mãe prometeu que eu finalmente me encaixaria em algum lado — prossegue ele, revelando as suas fraquezas. Pelo bem dele, espero que nunca tenha de me enfrentar. — Nunca pensei que fosse possível ser um Pária numa escola repleta de Párias. Mas parece que me vais superar.

Não me dou ao trabalho de responder. Pessoas como o Rowan assumem sempre que o meu estatuto «fora de um grupo» me foi imposto. Ninguém que esteja involuntariamente sozinho consegue compreender alguém que escolha permanecer assim. É impossível de explicar, por isso não tento fazê-lo.

— Hum, lamento pelo... — Ele aponta para a zona da minha testa onde ostento atualmente um sinal de néon a dizer *Bianca Barclay Esteve Aqui*.

— Nenhuma boa ação fica impune — digo, e saio da enfermaria antes que ele faça outra tentativa de se lamentar.

Lá fora, começa a chover. Normalmente, não sou o tipo de pessoa que tenta controlar a perceção pública, mas sigo um caminho menos frequentado de volta ao meu quarto. Não quero que as pessoas saibam que a Bianca me superou antes de eu ter um plano de contra-ataque.

Estou a considerar as minhas opções, dividida entre uma infestação de insetos no quarto dela ou enviar uma cabeça de cavalo, quando o som de pedra a raspar a uma grande altura me chama a atenção. É uma gárgula, pouco subtil no que toca a decoração, mas de momento estou mais preocupada com o facto de que parece estar a escorregar até à borda do seu poleiro.

E com o facto de eu estar diretamente abaixo dela.

Tenho pouco tempo para agir, e embora a rápida tomada de decisões costume ser o meu forte, dou por mim presa nos nós da minha derrota anterior. Passo por um momento em que duvido de mim mesma. E isso é suficiente para me apagar como uma vela. A última coisa que penso conscientemente é que o impacto vem da direção errada, e depois tudo se torna escuridão.



Quando recupero a consciência, estou na enfermaria com uma dor horrível a irradiar pela minha cabeça. Fui ensinada a aguentar o pior. Não é nada que não consiga aguentar. E, ainda assim, não consigo evitar pensar como sobrevivi.

— Bem-vinda de volta — diz uma voz ligeiramente rouca vinda da minha esquerda.

Sento-me rapidamente, consciente de que a minha posição me deixa em desvantagem.

— A enfermeira disse que não tens um traumatismo craniano — prossegue a voz. — Mas deves ter um galo bem grande, hein?

Ao meu lado está um rapaz. Alto, magro, cabelo comprido preso. Tem uma estrutura óssea delicada e olhos compreensivos que parecem um pouco assombrados, embora de uma maneira um pouco performativa.

— A última coisa de que me lembro é de caminhar lá fora, sentindo uma mistura de pena, fúria e aversão por mim mesma — conto, mais a mim mesma do que à minha companhia, que já analisei. Não é uma ameaça nem um aliado. — Acho que nunca tinha experienciado esse *cocktail* de emoções.

— Perder contra a Bianca tem esse efeito nas pessoas, digo eu.

Recuso-me a reconhecer que a minha derrota na esgrima já é sabida por toda a escola. O resto da minha memória do incidente está

a voltar, despertando a minha curiosidade. Viro-me para encarar o rapaz, esperando perturbá-lo até que conte a verdade.

— Quando olhei para cima e vi aquela gárgula a cair, pensei: «Pelo menos vou ter uma morte criativa.» Mas a força de impacto veio da direção errada, o que significa que *tu* me empurraste para fora do caminho. Porquê?

Ele parece divertir-se com a questão. Como se as pessoas praticassem atos não egoístas mais do que dois por cento do tempo em média.

— Chama-lhe instinto.

— Eu não queria ser salva — declaro, irritada pela sua indiferença e pelo latejo nas minhas têmporas.

— Então eu simplesmente devia ter deixado aquela coisa esmagar-te todos os ossos?

— Eu estava a tratar disso. — Reconheço isto como uma mentira. Na verdade, lembro-me de ter falhado distintamente em reagir a tempo, o que contribuía para a aversão por mim própria. — Estou habituada a salvar-me sozinha.

O rapaz tem a lata de demonstrar escárnio.

— É bom ver que não mudaste — diz ele de forma enervante. — Se te faz sentir melhor, digamos que retribuí o favor.

Com estas palavras, sou forçada a examiná-lo novamente. Não há nada de familiar, apesar de me orgulhar por manter um catálogo preciso de nomes e rostos.

— Xavier Thorpe? — tenta ele. Soa-me familiar, mas apenas do discurso enfadonho da Enid sobre a hierarquia social. Recordo com um leve interesse que este é o rapaz que acabou misteriosamente a sua relação com a Bianca Barclay, e depois pondero cortar os pulsos para me livrar deste impulso de me interessar.

— O que aconteceu? — questiono.

— Puberdade, talvez — responde. — Da última vez que nos vimos eu devia ter menos sessenta centímetros. E bochechas gorduchinhas.

— Quis dizer, o que aconteceu da última vez que nos encontramos — clarifico.

O Xavier recosta-se na sua cadeira para visitas, como se revivesse a memória. Desejo, não pela primeira vez, poder simplesmente ler mentes. Muito mais útil do que as visões da minha mãe, e poupar-se-ia tanta tagarelice obnoxia.

— Era o funeral da minha madrinha — explica ele. — Ela era amiga da tua avó. Tínhamos dez anos. Estávamos aborrecidos. Decidimos jogar às escondidas. *Eu* tive a excelente ideia de me esconder no caixão dela e a tampa ficou presa a caminho do crematório.

Por fim, recordo-me. O funeral. Implorei à minha mãe que me deixasse ir. Eu adorava o odor de uma coroa de rosas a murchar. Os sons desarmoniosos do luto, como música. A presença pacífica da morte tão perto.

— Ouvi gritos abafados — digo, ao lembrar-me dos detalhes. — Achei apenas que a tua madrinha tinha enganado a morte e que estava a tentar sair. — Não menciono o facto de esta ser uma das minhas maiores fantasias fúnebres, e uma que ainda não risquei da minha lista.

Um sorriso surge no rosto do Xavier. Nele vejo um pouco daquele rapaz de faces redondas. Sempre tive uma afinidade especial por aqueles de quem não se espera muito.

— Bem, seja como for, tu carregaste no grande botão vermelho e salvaste-me de arder em chamas. Por isso agora estamos quites.

Não lho digo, mas de facto isto faz-me sentir um pouco menos humilhada.



Assim que finalmente me livro das garras da enfermeira da escola, dirijo-me de novo ao meu quarto. Fico satisfeita ao descobrir que a Enid saíra e que o quarto estava vazio. Estou dois dias atrasada na

minha escrita, e os cliques familiares da minha máquina de escrever acalmam-me.

Estou embrenhada na história da jovem detetive Viper de la Muerte quando deteto o odor de algo familiar. Um cheiro que não deveria estar de todo perto da Academia Nevermore, porque o seu lugar é em casa.

Seguindo o meu nariz, aproximo-me sorrateiramente da cama, levantando a colcha dramaticamente para revelar uma mão decepada, que se acobarda previsivelmente quando me encontro perante ela, triunfante pela primeira vez no dia de hoje.

A mão em questão sai disparada, apontando à armação de metal da cama, agarrando-se com três dedos desesperados e traidores. Mas já apanhei ratazanas maiores, e rapidamente esta se encontra nas minhas próprias mãos, estremecendo de uma forma que percebo ser suplicante.

— Olá, *Coisa* — digo num tom coloquial. — Achavas que o meu olfato altamente treinado não detetaria o aroma a néroli e bergamota do teu creme de mãos preferido?

Ele tenta soltar-se, como se não o estivesse a dominar com facilidade. Aperto-o ainda mais.

— Posso passar o dia nisto — aviso, espalmando-o contra a minha secretária. — Rendes-te?

A Coisa bate três vezes, uma resposta positiva. Deixo-o levantar-se, mas mantenho os olhos fixos nele. Ele é irrequieto. Presumivelmente, essa é a razão por que está aqui.

— A Mãe e o Pai mandaram-te para me espiares, não foi?

Ele nega freneticamente. Ainda a protegê-los, até mesmo após a sua derrota.

— Não me importo de partir uns dedos — ameaço.

A Coisa começa a comunicar por sinais o mais rápido que consegue. Consegue chegar até à palavra *preocupados* antes de eu revirar os olhos.

— Oh, *Coisa*, seu pobre e ingênuo apêndice. Os meus pais não estão *preocupados* comigo. Eles são marionetistas malvados que querem controlar-me, até mesmo à distância.

Ele para de fazer sinais, mas consigo perceber pela sua postura que discorda. Não importa. Ele pode subestimar-me juntamente com eles. Todos acabarão por lamentar, mas não serei debilitada. Agarro o candeeiro da minha secretária e viro-o contra ele.

— Pelo que vejo, tens duas opções — informo-o antes de abrir a gaveta superior da secretária. Está vazia. É resistente. Dá para trancar.
— Primeira opção. Ponho-te aqui para o resto do semestre, e enlouquecerás ao tentares arranjar saída. Rasgando desesperadamente. Estragando as unhas. E essa tua pele suave e hidratada. Ambos sabemos como és vaidoso.

Ele treme, e sei que está a imaginar os possíveis danos nas cutículas. As rugas. A pele flácida.

— Segunda opção — ofereço generosamente. — Juras a tua lealdade eterna a mim.

De imediato, ele «ajoelha-se» inequivocamente, dobrando o indicador e o dedo médio. O perpétuo jogo de xadrez na minha mente reorganiza-se, uma nova peça encontra-se junto à rainha no tabuleiro. A minha derrota de hoje contra a Bianca parece, de repente, insignificante. O encontro inquietante com o Xavier ainda mais. Estava a falar a sério na reunião com a diretora Weems. Esta escola nunca me poderia conter.

— Primeira coisa a fazer — declaro à *Coisa*. — Escapar deste purgatório adolescente.

A *Coisa* começa a responder, mas interrompo-o, revirando os olhos.

— É claro que tenho um plano — digo, como se todos os seus elementos comessem a tornar-se claros na minha mente, com ligações a formarem-se, possíveis futuros a alterarem-se e a assentarem.
— E começa agora.



Até agora, ao longo de toda a minha vida, evitei ser verdadeiramente psicanalisada. Estou certa de que conseguem imaginar como não tem sido fácil. Alguém com o meu estilo e suscetibilidades parece um alvo fácil para os oportunistas desta profissão.

Tipicamente, o plano é simples e eficaz. Controlar a narrativa desde o início. Atacar as feridas que revelam com a tagarelice introdutória. Chocá-los de modo a que fiquem demasiado ocupados a reagir defensivamente para repararem que estou a bloquear as suas tentativas de desenterrar algum trauma de infância insignificante que justifique o seu salário exagerado.

Desta vez, as coisas vão ter de ser ligeiramente diferentes. Não consigo imaginar que alguém cuja lista de clientes esteja repleta de alunos

de Nevermore seja tão fácil de assustar como os orientadores com quem o tentei no passado. Não posso contar com que ela saia do consultório a gritar, por isso parece-me que a parte de sair, vou ter de ser eu a fazê-la.

O consultório da Dra. Kinbott é o típico espaço banalmente particular. Provavelmente criado por algum decorador de consultórios. Pergunto-me se estes «toques pessoais» são sequer pessoais para ela, ou apenas coisas que levem a algum comentário.

— Então, Wednesday — começa ela, entrando e fechando a porta atrás de si. — Li as anotações da tua orientadora na última escola.

— A Sra. Bronstein — realço. — Ela teve um esgotamento nervoso após a nossa última sessão. Teve de tirar uma licença sabática de seis meses.

A Dra. Kinbott não parece perturbada por este comentário. Faz sinal para que me sente, e assim faço. Apenas para a levar a uma falsa sensação de segurança. Faz parte da primeira fase.

— Como te sentiste acerca disso? — interroga ela.

Uma abordagem realmente inovadora, penso.

— Vindicada — respondo. — Mas alguém que tem croché como passatempo não é um adversário digno.

Ela senta-se à minha frente. Loira, magra, vestida com roupa formal confortável. Bonita, mas o seu olhar é um pouco intenso demais.

— Bem, Wednesday, espero que não me consideres tua adversária — diz ela. — Espero que possamos criar uma relação baseada na confiança! E no respeito mútuo!

O meu desdém é evidente. Como se eu alguma vez pudesse respeitar alguém que combina a pulseira do relógio com os mocassins.

— Este é um espaço seguro, Wednesday — afirma com entusiasmo. — Um santuário onde podemos falar sobre qualquer coisa! Aquilo que pensas, sentes, as tuas opiniões sobre o mundo, a tua filosofia pessoal! — Após isto, ela sorri para mim, como se me oferecesse algo verdadeiramente valioso.

— Isso é fácil — digo. — Eu *penso* que isto é um desperdício de tempo. O *mundo* é um lugar que deve ser suportado. E a minha *filosofia pessoal* é matar ou ser morta.

Para minha extrema irritação, os seus olhos iluminam-se com a minha declaração.

— Sim, por exemplo, quando alguém maltrata o teu irmão, a tua reação é atirar piranhas para a piscina.

Como é que ela se atreve? Tenho noção de que a minha propensão a proteger o Pugsley e os outros inadaptados incompetentes que me fazem lembrar dele são a minha única fraqueza identificável. Mas mencioná-lo nos primeiros cinco minutos é um golpe baixo, mesmo para uma psiquiatra.

— Aquilo que estou a tentar dizer é que agrediste um rapaz — explica ela —, e não mostraste remorsos pelas tuas ações. É por isso que estás aqui. Porque acredito que tens sentimentos mais profundos do que o juiz compreende. Que talvez os estejas a esconder. Do mundo. De ti mesma.

Esta análise arrepia-me.

— Ele era um *bully* malvado e estúpido — argumento. — Se está a questionar-se sobre as minhas emoções escondidas no que toca a este assunto, permita-me esclarecer. Ele perdeu um testículo. Estou desapontada por não ter perdido os dois. Teria sido um favor ao mundo. Pessoas como o *Dalton* não deveriam procriar. Agora já respondi a todas as suas perguntas. — Levanto-me.

— Ainda não acabámos — avisa a Dra. Kinbott. Há uma certa frieza na sua voz que me deixa alerta. Isto vai ser mais complicado do que pensei.

Volto a sentar-me, planeando mentalmente uma nova abordagem.

— A terapia é uma ferramenta valiosa para te ajudar a compreenderes quem és — diz ela, regressando à sua voz de educadora de infância. — Pode ajudar-te a construíres a vida que queres.

— Eu sei a vida que quero — declaro, abanando a cabeça.

— Então fala-me sobre ela — sugere ela, inclinando-se em frente. Sorrindo novamente. — Tudo o que for dito nestas sessões é estritamente confidencial. Talvez os teus planos envolvam tornares-te uma autora? Foram-me enviados os teus manuscritos como parte da tua avaliação. Queres falar-me sobre eles? Sobre a Viper de la Muerte?

A intrusão desta desconhecida saber sobre os meus livros, sobre a Viper, é suficiente para que eu acelere o meu plano. Faça-lhe um resumo enquanto procuro pela saída.

— E a relação da Viper com a mãe? A Dominica? Talvez esse seja um bom lugar para começar?

— Talvez seja — digo com um sorriso afetado. — Mas importa-se que vá à casa de banho primeiro?

Dentro da divisão com paredes azul-bebé, abro a mochila.

— Lima de unhas — peço à Coisa, que ma passa obedientemente. Consigo abrir a janela, praticamente sem fazer barulho, e saio por ela até ao telhado. Quando a Dra. Kinbott me chama para ver se estou bem, já eu estou a deslizar pela caleira até ao passeio. O assunto da Morticia fica lá em cima com a doutora. Carregá-lo comigo nunca me fez bem.

Sei que a diretora Weems está à minha espera em frente à porta. Ela ofereceu-se para me levar a beber *chocolate quente* após a sessão. A única razão para alguém com o cargo dela me acompanhar pessoalmente à terapia é evitar uma tentativa de fuga. Contudo, nem *ela* estaria à espera que eu saísse em oito minutos. Isso dá-me um avanço, embora pequeno.

Felizmente, Jericho é uma cidade verdadeiramente pequena. Vejo o cafezinho que ela mencionou ao fundo da rua. O Weathervane. Vou buscar uma boa dose de cafeína e pedir a alguém da população local que me chame um táxi. Por esta altura, já nem me importo com o seu destino.

Ao atravessar a rua, perdida nos meus planos, colido com um agricultor a carregar uma caixa de maçãs.

Vem de imediato. Tal como veio com o Pugsley no cacifo. De repente, já não estou no meu corpo. Estou noutro lugar. A ver algo que não pedi para ver. Desta vez, são as maçãs espalhadas ao longo da berma da estrada. A carrinha do agricultor está caída. O pescoço dele dobrado num ângulo perturbador.

Antes de conseguir ver mais detalhes, acaba. O agricultor em questão, com as suas vértebras devidamente empilhadas, observa-me como se eu confirmasse todas as suas piores suspeitas sobre os alunos de Nevermore pelo simples facto de ter batido contra o seu braço.

Vai morrer, penso em dizer-lhe.

— Quem te deixou sair? — reclama ele. — Sua maldita esquisitoide. Vou embora sem dizer uma única palavra.

A campainha acima da porta do café toca quando a abro e, de imediato, três pares de olhos caem sobre mim. Como se poderia prever, há um habitante local atrás do balcão.

Para o testar, observo-o fixamente por cima da máquina de café até que repare em mim. Ele quase salta com o susto quando me vê, mas encara-me logo de seguida. *Ele serve*, penso. Para a segunda fase, pelo menos.

— Preciso de um café quádruplo com gelo — digo. — É uma emergência.

Parecendo ter recuperado, ele aponta para a enorme máquina a largar vapor entre nós.

— Desculpa, a máquina de café está a ter um acesso. Não posso tirar o café até estar arranjada.

— Qual é o problema? — pergunto, analisando as partes e a localização da emissão de vapor.

— É um monstro temperamental com vontade própria — declara o rapaz. — Além disso, as instruções estão em italiano.

Ele parece espantado ao ver-me dirigir para trás do balcão para me juntar a ele. Como se um balcão que se levanta fosse assim tão difícil de manejar em circunstâncias apressadas.

— Preciso de uma chave de ponta Y e de uma chave Allen de quatro milímetros — peço, já a puxar a parte frontal para aceder à maquinaria no interior.

O rapaz limita-se a ficar pasmado. Típico.

— Este é o acordo — digo lentamente. — Eu arranjo a tua máquina de café. Depois tu tiras o meu café e chamas-me um táxi.

Ele abana a cabeça, mas pelo menos vai buscar as ferramentas.

— Não há táxis em Jericho — informa ele. — Tenta chamar um Uber.

— Não tenho telemóvel. Recuso-me a permitir que soberanos despóticos me explorem por lucro. Há comboios?

— Há a estação em Burlington, fica a cerca de meia hora daqui — responde ele.

Bingo. O problema com a máquina é simples de resolver. Remexo na máquina mais do que preciso, apenas para que pareça que estou realmente a fazer-lhe um favor. As pessoas não valorizam suficientemente a eficiência. Especialmente quando vem na forma de uma rapariga pequena de tranças.

— Problema na válvula — explico por fim. — É o mesmo que a minha guilhotina a vapor teve. As minhas pobres bonecas ficaram condenadas a decapitações parciais até eu descobrir o que se passava.

O vapor para. A menção de bonecas decapitadas não parece perturbar o rapaz, que abana a cabeça com gratidão.

— Os miúdos de Nevermore não costumam gostar destas tarefas «menores». Chamo-me Tyler, já agora.

— Wednesday.

— E se eu te der boleia até à estação de comboios como prova da minha gratidão? Saio daqui a uma hora.

A minha tentativa de subornar o Tyler para sair mais cedo do trabalho (antes que a Weems me descubra nesta localização bastante previsível) não me leva a lado nenhum. A sua seriedade não me convence,

mas impressiona-me muito ligeiramente. É tão raro em adolescentes do sexo masculino que é digno de nota.

Sento-me com o meu café numa cabina à janela. Estou tão atenta à possibilidade da Weems aparecer, que mal reparo nos rapazes *amish* estranhamente agressivos que cercaram a minha mesa.

— O que faz uma aberração de Nevermore à solta? — questiona um deles. — Esta é a nossa cabina.

É óbvio que me estão a tentar intimidar, mas não consigo ignorar as fatiotas. Calças pretas. Camisas com largas golas engomadas. Chapéus de topo raso.

— Porque estão vestidos como religiosos fanáticos? — Sei que provavelmente me arrependerei de morder o isco, mas também tenho muito tempo para matar.

— Somos peregrinos — esclarece um deles.

Encolho os ombros, demonstrando que não vejo grande diferença entre as duas designações.

— Trabalhamos no Mundo dos Peregrinos — acrescenta outro, virando o menu do café para revelar um anúncio ao local. Pessoas em fatiotas semelhantes, a sorrir amplamente, rodeadas por frentes de loja a imitar pobremente o período colonial americano. O anúncio tem a qualidade de algo local. As fotos têm grão, os sorrisos são forçados.

— Uau — solto, examinando-o cuidadosamente. — É preciso ser-se particularmente estúpido para dedicar todo um parque temático aos fanáticos responsáveis por genocídios em massa — comento, alto o suficiente para assegurar que todos me ouvem. Como eu disse, tenho de passar o tempo. E se estes imbecis não me estiverem a chatear, é possível que avancem para alguém menos capaz.

— Ei! — grita o terceiro. — O meu pai é *dono* do Mundo dos Peregrinos! A quem estás a chamar estúpido?

— Se o chapéu de peregrino serve... — entoo; depois levanto-me, apercebendo-me de que estes três querem mais do que trocar

farpas verbais. E, para ser honesta, depois do meu fracasso contra a Bianca, não me importaria de vencer alguém para variar.

— Então, diz-me, aberração — começa o Mundo dos Peregrinos Júnior, com o seu rosto próximo do meu —, alguma vez estiveste com um normal?

Ignorando as implicações repulsivas das suas palavras, seguro o seu olhar. O seu medo é palpável. Só está a fazer este espetáculo para os seus amiguinhos, que permanecem atrás de mim, no caso de eu pegar numa varinha mágica e os transformar em rãs.

— Nunca encontrei um capaz de aguentar comigo — respondo. Depois, dou um passo em frente, entrando no seu espaço pessoal. — Bu.

Isto é suficiente para que um dos que estão atrás de mim se lance ao meu braço. Fecho os olhos por um instante, para me focar; de seguida, uso o próprio impulso dele para o atirar ao chão sem sequer o encarar. O segundo ataca. Agora vejo-os todos em câmara lenta, tendo bastante tempo para reagir. Não há necessidade de usar a minha própria força quando o meu oponente torna tão fácil aproveitar-me da sua.

Quando o segundo bate no chão, decido divertir-me um pouco. Quero dizer, não sou nenhuma pacifista. O pontapé giratório acerta no queixo do terceiro. Caído antes de sequer conseguir completar o seu ataque desajeitado.

Vários dos clientes reunidos murmuram com preocupação. A maioria observa-nos em choque. Tendo em conta que o Mundo dos Peregrinos é a maior atração local, este deve ser o melhor entretenimento que têm em anos.

Sorrio ligeiramente ao ver o Tyler de braços esticados, como se esperasse que eu precisasse de ser salva.

— Não te preocupes — asseguro. — A guilhotina de bonecas a vapor não foi a minha única arma de infância.

— Aparentemente não — murmura ele.

Estou prestes a tornar toda esta cena numa oportunidade para ter uma boleia mais cedo para o comboio, quando uma complicação entra pela porta, sob a forma do xerife de Jericho.

— Pai? — solta o Tyler, e os meus olhos alternam entre eles. *Filho do xerife*, reflito. A intriga adensa-se.

— Que raio se passa aqui, Tyler? — pergunta o pai dele. Desta vez, parece-me acertado deixar que o Tyler me defenda.

— Eles estavam a incomodar uma cliente — explica ele, apontando para os peregrinos caídos a gemer, espalhados pelo chão do café. — Ela pô-los no lugar.

Por norma, tento evitar os olhos das forças da lei a todo o custo, mas não tenho grande escolha a não ser deixar que o xerife me avalie. Quando fala, dirige-se ao Tyler, como se eu nem estivesse presente.

— Esta coisinha deu conta de três rapazes?

Uma segunda complicação entra pela porta.

A diretora Weems está corada, com o cabelo despenteado pelo vento. Calculo que o alívio no seu rosto tenha sobretudo que ver com o facto de a direção de Nevermore poder continuar a encher os bolsos.

— Peço imensa desculpa, xerife — diz ela descontraidamente. — Esta escapou-me. Vem, menina Addams. Hora de irmos.

Lanço um olhar de *talvez noutra vida* ao Tyler enquanto me preparo para ser arrastada de novo para o manicómio. Contudo, o xerife trava-nos.

— Ela disse Addams? — questiona ele. *Agora* ele consegue ver-me. — Não me digas que o Gomez Addams é o teu pai.

Ele pediu-me para não lhe dizer, por isso não o faço. Afinal, tenho o direito ao silêncio.

— Esse homem devia estar atrás das grades — afirma o xerife, num tom acusador. — Imagino que quem sai aos seus não degenera. Vou estar de olho em ti.

Mantenho o meu olhar fixo nele, prestes a lançar outra diatribe, mas a maldita diretora Weems e a sua força superior levam-me para fora da porta antes que consiga dizer uma palavra que seja.

No carro preto e lustroso, a minha estimada diretora-barra-motorista está a dar-me um sermão sobre manter um comportamento discreto perante as autoridades locais.

Interrompo, lembrando-me de que ela frequentou a escola juntamente com os meus pais.

— O que quis ele dizer? — interrogo. — Sobre o meu pai?

— Não faço ideia — responde, embora eu tenha dúvidas se acredito nela. — Mas queres um conselho?

Erguendo uma sobancelha, aguardo por esta dica fundamental.

— Para de fazer inimigos e começa a fazer alguns amigos. Vais precisar deles.

Antes que ela consiga dizer mais alguma coisa, vejo que uma carrinha familiar capotou na berma da estrada. Há maçãs espalhadas pelas faixas. O agricultor à minha frente. O seu hálito azedo no meu rosto. *Maldita esquisitoide.*

— Espero que o condutor esteja bem — diz a Weems, abrandando ao passarmos.

— Está morto — solto, sem pensar. — Partiu o pescoço. — Toco discretamente no talismã de obsidiana que a minha mãe me deu. Aquele que tenho escondido sob a minha camisa.

— Como consegues perceber deste ângulo? — questiona a Weems. Mas não respondo. Já disse demasiado.

WEDNESDAY

Adaptado por Tehlor Kay Mejia
Baseado nos episódios da
primeira temporada de *Wednesday*

Escrito por
Alfred Gough & Miles Millar (episódios 101, 102, 108)
Kayla Alpert (episódios 103, 104)
April Blair (episódios 105, 106)
Alfred Gough & Miles Millar e Matt Lambert (episódio 107)

Série criada por Alfred Gough & Miles Millar
Baseado nas personagens criadas por Charles Addams

*Pouco depois de chegar à Academia Nevermore,
a Wednesday descobre que há um monstro a aterrorizar
a cidade de Jericho. Para salvar a escola e os seus colegas
do perigo iminente, ela tem de encontrar aliados nas
pessoas em quem não sabe se pode confiar...*



WEDNESDAY © 2022–2025 MGM.
WEDNESDAY is a trademark of
Tee and Charles Addams Foundation.
© 2025 MGM, ARR.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinkidspt

ISBN: 978-989-583-608-6



9 789895 836086